

O consumidor e a perversão*¹

Ilka Franco Ferrari*²

O texto considera a atualidade discursiva do capitalismo e seus vieses perversos, lembrando a aspiração sadecana de república regida pelo imperativo e singularidade do gozo, onde se imbricam os consumidores, todos proletários e na exigência do mais-de-gozar. Percorre a fantasia perversa, o desejo perverso e a fetichização de um objeto alçado à condição de causa de desejo, para além da estrutura perversa. Chega à solidão dos indivíduos reduzidos a seus corpos no predomínio dos gadgets, e ao mundo da falta de vergonha. A psicanálise lacaniana é a norteadora, e o Japão é exemplo que ensina.

Palavras-chave: Capitalismo, gozo perverso, gadgets, vergonha

*¹ Trabalho apresentado no Colóquio Internacional sobre Metapsicologia da Perversão. Usos Sociais da Perversão, ocorrido de 26 a 28 de agosto de 2013, na Universidade Católica de Pernambuco – Unicap (Recife, PE, Br).

*² Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC-Minas (Belo Horizonte, MG, Br).

Lacan foi bom leitor de Freud, não se limitando a reproduzi-lo, o mesmo acontecendo em sua leitura de Marx sobre o capitalismo. A partir dela, lança-se na lucidez das considerações de que o sujeito capitalista se instaura na contenção de gozo, em acumular em vez de gozar. Desfaz a diferença de classes que o sociólogo havia estabelecido entre capitalistas e proletários, explorador e explorado, e coloca, a todos, em condição proletarizada, em regime de falta-de-gozar. Daí o movimento ativo de mais-de-gozar, em que todos entram como consumidores consumidos, reais ou virtuais, usuários potenciais. Essa é a época em que, segundo Jacques-Alain Miller (2004) e Colette Soler (2000-2001), as ideias lacanianas se aproximaram de outro sociólogo, Max Weber, conhecedor de Durkheim e Marx, mas com caminho próprio.

A reflexão sobre as considerações de Marx e seu movimento da existência da consciência de classe possibilitou que Lacan (2003) visualizasse algo curioso: o marxismo mantém o capitalismo. Nesse contexto, proletário e capitalista fazem da mais-valia a causa do desejo “do qual uma economia faz seu princípio, o da produção extensiva, portanto insaciável, da falta-de-gozar” (p. 434). Um, por ter consciência de sua exploração, faz do objeto perdido a causa de seu desejo; e o outro, por reinvestir seu *plus* no regime para aumentar o capital que serve à manutenção do circuito da produção, para o aumento do consumo, sem o qual a produção seria inútil.

E um resultado óbvio é que o sofrimento humano se acentua, no sentimento de não gozar o suficiente em era de permissividade, por experimentar que tudo que não é proibido se torna obrigatório. Evidencia-se, agora, o mal-estar no mais-de-gozar, e não mais o mal-estar em função da limitação do gozo. Não é difícil compreender, portanto, o motivo de Lacan (2003) haver escrito, em *Radiofonia*, por exemplo, que o “*Mehrwert* é o *Marxlust*, o mais-de-gozar de Marx” (p. 434).

Importa dizer, no entanto, que nem sempre Lacan pensou assim. No Seminário de 1959-1960, conhecido como *A ética da psicanálise* é possível encontrá-lo alinhando o capitalismo ao puritanismo, ao focar a relação com o desejo. Isso porque lá considerava que o serviço dos bens tem exigências, ou seja, a passagem da exigência da felicidade para o plano político tem consequências. Dizia ele: “O movimento no qual o mundo em que vivemos é arrastado promovendo até suas últimas consequências o ordenamento universal do serviço dos bens implica uma amputação, sacrifícios, ou seja, esse estilo de puritanismo na relação com o desejo que se instaurou historicamente” (1959-1960/1988, p. 364).

Mas, em o *Avesso da psicanálise* (1969-1970/1992), Seminário considerado sua versão do mal-estar na civilização, enfatizará o estilo da permissividade

própria da humanidade atual na falta de gozar, proletarizada. Evidentemente, entre um Seminário e outro, nova relação do sujeito com o gozo é estabelecida.

O cotidiano do objeto fetiche

Em meio a essa nova forma de laço do sujeito com o gozo, própria da atualidade de nossa psicopatologia cotidiana, tece-se o cenário propício ao gozo perverso, comum a todos como possível, em nada incompatível com o puritanismo sexual, em oposição ao gozo proibido.

Vale enfatizar, nunca é demais, que o capitalismo não fabrica o perverso no sentido estrutural. Ele favorece, sim, gozo com objetos parciais e satisfação em todas as zonas possíveis do corpo, ou seja, funcionamentos gozosos perversos.

Lacan, por exemplo, no Seminário *A relação de objeto* (1956-1957/1995), onde a perversão é assunto — há outros textos, vários, mas, aqui se centra um pouco neste início fundamental de suas ideias —, chega a dizer de perversões transitórias. O leitor freudiano o encontrará, também, dizendo de perversões em casos neuróticos, sem confundir neurose e perversão. Ele tinha clareza de que eram modos subjetivos distintos. Afinal, Freud foi bastante ousado ao dizer, em sua época, que práticas perversas fazem parte da sexualidade normal, aproximando perversão e neurose, chegando a formalizar que a neurose é o negativo da perversão.

Para Lacan, essa frase, a neurose é o negativo da perversão, deve ser lida com cuidado, porque não se reduz a entender “simplesmente, que o que está oculto no inconsciente, quando estamos na presença de um caso neurótico, esteja a céu aberto na perversão, e de certa maneira em estado livre” (p. 115). É preciso considerar a dimensão da fantasia em jogo.

No Seminário mencionado acima, em determinado momento Lacan se pergunta o que é a perversão. No sentido de responder passa pela noção de fenômeno que se pode qualificar de perverso, e perversão categórica, por meio da trilha freudiana apresentada no texto “Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais” (1919/1976). Texto escrito, como Freud avisa, a partir do exaustivo estudo de seis casos (quatro femininos e dois masculinos), cinco deles de neurose obsessiva e um de histeria (Lacan afirma que todos são de neurose obsessiva, no livro *A relação de objeto*). O foco recai na importância da fantasia, ensinando que não é a mesma coisa jogar mentalmente com a fantasia ou falar sobre ela.

Nesse sentido, Lacan (1956-1957/1995) trabalhará a fantasia perversa, dizendo que ela supõe uma redução simbólica, “todos os elementos estão lá, mas tudo o que é significação está perdido, a saber, a relação intersubjetiva. O que se pode chamar de significantes em estado puro se mantêm sem a relação

intersubjetiva, esvaziados de seu sujeito” (p. 120). E, pensar a atualidade supõe dar peso a esta forma fantasística.

Quando se fala de fantasia sabe-se que nela “pode ser encontrado algo que fixa, reduz ao estado de instantaneidade, o fluxo da memória”, detendo o sujeito “neste ponto que se chama a lembrança encobridora” (p. 121). Isso também ocorre na perversão e constrói o que Lacan chamou de molde da perversão, ou seja, a valorização, a prevalência da imagem, da dimensão imaginária.

Por essas vias, Lacan chega ao objeto fetiche, alertado de que havia muitos usos da palavra, e que ele mesmo a usou para falar do fetiche da mercadoria. Preocupado em circunscrever, adequadamente, o que é o objeto fetiche, chegou a exaustivos estudos sobre sua diferença com o objeto fóbico. Mas, já na introdução do Seminário conhecido como *A relação de objeto*, no entanto, coloca o fetiche como muito vizinho da noção de valor de mercadoria, proposta por Marx.

No Seminário *O desejo e sua interpretação*, inédito, na aula 17, de 15 de abril de 1959, por exemplo, Lacan aborda o fato de que na relação inter-humana há a fetichização dos objetos humanos. Ao considerar surpreendente que até a relação, dada como primitiva, esteja sustentada pela doutrina marxista, confessa, nesse Seminário, que ao abrir o livro, *O capital*, seu primeiro ponto de análise foi o caráter de fetiche da mercadoria. Isso porque, como se sabe, Marx introduz o valor de uso e o valor de troca, o que está presente desde as mais primitivas nas relações humanas.

É que na perspectiva da relação de objeto, segundo formalização lacaniana, o fetiche desempenha função de proteção contra a angústia de castração, trata-se de objeto que tem a função de complementação com relação a alguma coisa que se apresenta como furo, até mesmo como abismo na realidade. Mas se o fetiche representa o falo como ausente, falo simbólico, por seu caráter de símbolo essa alguma coisa, que se caracteriza como fetiche, não é nada.

O que é visado no fetiche está para além daquilo que se apresenta, como falta, tendendo a realizar-se como imagem. Se ele é modo de dizer que a castração é afirmada e negada, é em torno do objeto fascinante, inscrito sobre o véu, a cortina que há entre sujeito e objeto, que gravita a vida erótica. Sobre esse véu, situado à frente do objeto, faz-se a projeção imaginária, figuração da falta, constitui-se o fetiche, “que pode ser o suporte oferecido a algo que assume ali, justamente, seu nome, o desejo, mas como desejo perverso” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 162). Sobre esse véu o fetiche figura o que falta para além do objeto.

Soler (2004-2005, p. 147), ao escrever sobre perversão, organiza essa questão do desejo perverso a partir da pergunta: a que aponta o desejo perverso? A resposta que escolhe, em meio a outras possíveis, está em Lacan de “Subversão do sujeito”: o desejo perverso pretende garantir o desejo do Outro. Isso supõe ponto de falta de gozo no Outro. Ainda que o Outro não exista e seja somente um lugar de discurso, toda cadeia significante implica desejo, e o desejo é metonímia da falta. Dessa

forma, na posição de garantir o desejo do Outro, a preencher sua falta convocando o gozo, ele precisa contar com o corpo, pois, para gozar, exige-se corpo.

Nesse ponto cabe tecer, ainda que minimante, algumas considerações sobre um tema importante e nem sempre abordado com a profundidade que merece: a inexistência do Outro. Jorge Alemán (2012, p. 27) é autor que auxilia bem a sensatez e abreviação do assunto. Para ele é preciso ter, no horizonte das reflexões, a necessidade de matizar e especificar a afirmação “Outro que não existe”, tão repetida nos espaços lacanianos, quando se trata do tema atualidade, contemporaneidade. Ele considera que essa afirmação atende bem ao que Lacan problematizou sobre o fim da análise, mas gera problemas quando utilizada para dizer de determinada época.

Para Alemán, na sequência do mesmo texto, é necessário o cuidado de se considerar a existência de uma potência inusitada que convoca os sujeitos e os laços sociais, em meio a tantas destituições das figuras simbólicas do Outro, da ordem simbólica, de cinismos e autismo generalizado. Caso contrário, haveria “total dispersão de toda a trama do social”, o que não é nosso caso. E, por pior que pareça, em nossa época essa potência é atribuída ao Outro regido pela técnica e pelo capital, com poder mais compacto que nunca, dispondo os corpos e a subjetividade na forma de mercadoria. Lógico, contando com a ciência e com o fetiche da mercadoria na organização dos laços sociais.

E, se a fetichização de um objeto consiste em colocá-lo na condição de causa de desejo, adverte Soler (2004-2005), este processo supera, muito, a problemática da estrutura perversa. Isso porque, é complicado pensar o objeto, no mundo humano, sem o processo de fetichização, ou seja, sem sua condição absoluta, da qual não se pode prescindir. Faz sentido, portanto, Lacan haver recorrido a certas formalizações do materialismo histórico de Marx.

Maria Rita Kehl (2004), trabalhando o tema da publicidade, perversões e fobias, comenta que “o conceito de fetiche opera como analisador de uma dimensão das relações humanas: a sexualidade (em Freud), a exploração do trabalho (em Marx)”. Mas na sociedade contemporânea essas dimensões coincidem, ou seja, “o fetiche que apaga a diferença sexual encarna-se no fetiche da mercadoria” (p. 2).

Fato é, no entanto, que se a fetichização de objetos supõe o Outro e seu desejo, por outra parte é inegável a constatação do afastamento do Outro, e do outro, que esse processo supõe.

Indivíduos reduzidos a seus corpos

No caminho traçado, não há como evitar a constatação de que a fetichização de objetos promove separação do Outro e do semelhante. E isso, em qualquer

dimensão que se queira pensar, ou seja, no plano da sexualidade e da mercadoria. Fetichização curto-circuita o laço com o parceiro, funciona desconectada de qualquer intersubjetividade com o outro.

Soler (2004-2005) lembra a seu leitor que Lacan tem vários exemplos sobre esse assunto e cita, entre alguns: o cofre do avarento, as cartas de Gide, mas também todos os produtos do mercado. Há, para Lacan, certa continuidade entre o objeto *a* e os produtos do mercado. E, ao considerar que o objeto se torna condição absoluta de desejo, inegavelmente Lacan se reporta à teoria do objeto transicional, de Winnicott, referência na origem do que ele formalizou como objeto *a* como causa de desejo. O que se pode ver no artigo “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano” (1998a).

Assim, no mundo do capital e seus produtos de mercado fetichizados, com todos os humanos proletarizados e apagados como sujeitos, destacam-se os indivíduos reduzidos a seus corpos. Indivíduos “com um corpo que goza com um Mais, ou com um mais-de-gozar no fazer do corpo” (mais objetos, orgasmos, dinheiro...), solitários no estabelecimento de vínculos e aptos ao enfrentamento com outros, em situações de vida que lhes assegure a “participação patente na sede de falta-de-gozar” (Lacan, 2003, p. 435). Cada um, por si, na busca de um lugar acima do outro, potencial rival na contabilidade de modos de gozo. Se, no marxismo, existia a ideia de que o capitalista tem os meios de produção para fazer laço social, ainda que na escravização do proletário, agora nem isso é fácil. Pode-se dizer que fácil são os usos dos *gadgets*.

Judith Miller (1996) define o *gadget* como “objetos engenhosos, úteis ou não, divertidos por sua novidade, e convertidos em veículo prevalente da ciência e de suas conquistas tecnológicas” (p. 205). Trata-se de subclasse de produtos da tecnologia que, mais que satisfazer de modo novo uma demanda existente, suscita nova demanda, não se confundindo, portanto, com os objetos de coleção.

Os objetos de coleção convivem em sincronia sem que um ocupe, na série, o lugar do outro. O *gadget* é o objeto tecnológico capturado no discurso do mestre e no circuito do mercado, que também faz série, mas o último sempre substitui o lugar do penúltimo, mostrando sua vocação para dejetos. Sua utilidade e futilidade são referenciadas por ser consumível ou não, dispensando pretextos do belo e do vital. Seu êxito é maior quanto maior é a obscuridade de seu circuito e a ilusão de domínio vivida por indivíduos em servidão voluntária, que contam com o acumular capital, gozo, desconhecendo as leis que o geraram. Seu modo de emprego está sempre disponível e explicitado, mas não a lei a que responde.

O surpreendente, alerta Judith Miller (1996), é que enquanto a racionalidade científica age segundo lógica que exclui o sujeito, os *gadgets* permitem o retorno do sujeito na ciência. Ciência aplicada que a ele se dirige, capturando-o e conseguindo que responda à sua oferta e crie demanda. A sabedoria moderna, continua essa autora, “dedica-se a provocar o desejo, ou seja, a capturar a libido através

de objetos que se convertem em verdadeiras próteses” (p. 209). O mundo da ciência moderna já não é propriamente um mundo, exatamente porque já não está ordenado; é um universo, indiferente ao ser que busca saber como ele funciona. Seu saber, por excluir da natureza a possibilidade de uma relação prévia, de um lugar para o sujeito, exclui este sujeito de sua própria finalidade.

Sade: o egoísmo da felicidade

Nessa época marcada pelas peculiaridades mencionadas, como se pode deduzir, o discurso sobre a perversão se apoia mais no discurso jurídico e extensão dos contratos, consenso entre semelhantes, do que na clínica. Nesse mundo nos aproximamos da aspiração sadeana de uma república regida pelo imperativo e singularidade do gozo.

Lacan, no texto *Kant com Sade* (1998b/1966, p. 782), afirma que Sade fundamenta o império de seu princípio nos direitos do homem. Se nenhum homem pode ser propriedade de outro, nem de algum modo seu apanágio, isso não pode ser pretexto para suspender o direito de ser usufruído por todos, cada qual a seu gosto.

658

Sade propõe, então, ao gozo sua regra, à qual pretende submeter a vontade de todos, por meio da máxima: “Tenho o direito de gozar de teu corpo, pode dizer-me qualquer um, e exercerei esse direito, sem que nenhum limite me detenha no capricho das extorsões que me dê gosto de nele saciar” (p. 780). Paradigma de enunciado que exclui a reciprocidade, diz Lacan, e não a incumbência de revide, e o desejo se conforma em vontade de gozo, o que não o torna mais digno da vontade que invoca no Outro, “provocando-o até o extremo de sua separação de seu *pathos*” (p. 784).

Mas, pode-se observar, nas linhas lacanianas, que Sade está submetido à Lei, “a mãe continua proibida” (p. 802). E Lacan, em crítica onde não aparece o nome de Sartre, mas a expressão “aplicado existencialista” (p. 789), comenta o equívoco daqueles que pensam que os perversos negam a existência do Outro.

Kehl (2004), que demonstra ser boa leitora desse texto lacanianiano, afirma que nosso mundo, que convida à perversão pelo consumo, parece caricatura das fantasias eróticas desse Marquês, que propunha a criação de leis invertendo a legalidade reinante, fazendo “a tranquilidade e a felicidade do cidadão e o brilho da república” (p. 4). A felicidade que supõe liberação de paixões bem expressada pelo caminho da luxúria, a paixão mais despótica que existe.

Vale a pena não esquecer, todavia, que Lacan mostra a impossibilidade desse projeto sadeano, pois se o direito ao gozo fosse reconhecido, plenamente, caducaria o princípio do prazer. Isso remete à ideia, já comentada, de que ao se falar de época em que o Outro não existe, não se deve esquecer a existência de alguma potência

inusitada que convoca os sujeitos e os laços sociais, para que não se instaure o caos, conforme escreve Alemán (2012). Em comentário preciso, Lacan afirma que Sade insinua, para todos, por uma fresta imperceptível, o antigo eixo da ética, que não é outro senão o egoísmo da felicidade. Sua proposta libertina apresenta, portanto, o paradoxo do egoísmo.

Diferentemente de Kant, que propõe uma Lei que supõe um homem que não desvie do conceito universal de Homem, a Lei em Sade privilegia a singularidade, prestando-se à interpretação de acordo com as conveniências de cada um, lembra Kehl (2004), que segue: “Para Sade, sendo os homens diversos entre si e fundamentalmente egoístas, ‘seria um absurdo palpável desejar prescrever, a propósito, leis universais (...) É de uma horrorosa injustiça exigir que homens de caráter desiguais se submetam a leis iguais’” (p. 4). A questão crucial, aqui, é que no coração da república libertina, expressão de Kehl, seria instaurada luta sem lei de todos contra todos. O que infelizmente está muito presente nos tempos atuais, mais do que o próprio Marquês poderia imaginar, de acordo com a autora citada e com a realidade dos fatos que estão por aí.

A falta de vergonha

659

Por considerar essa realidade social, no espaço da Associação Mundial de Psicanálise, discute-se o que ocorre com a psicanálise neste mundo que supõe a anulação do afeto vergonha. Dois textos são referência para os interessados: “Notas sobre a vergonha”, escrito por Miller, e “A vergonha e o ódio de si”, de autoria de Eric Laurent, os dois publicados em 2004.

Segundo Miller (2004), *A ética da psicanálise e O avesso da psicanálise*, versões do mal-estar em época de 1969-1970, são debates de Lacan sobre a civilização eliminadora da vergonha e mergulhada no processo de globalização e utilitarismo. Isso é óbvio na abertura e fechamento da última lição de *O avesso da psicanálise* (1992). Ali Lacan aborda a possibilidade de se morrer por vergonha, embora efeito raramente obtido. E, se o faz, é porque notou que eclipsava o olhar do Outro como portador da vergonha.

O paradigma da morte por vergonha, Lacan o encontra no personagem François Vatel, organizador de festas, que se culpabilizou pelo fracasso da festa do príncipe de Condé, suicidando-se em nome de sua honra. Para Lacan, Vatel era portador da virtude aristocrática que permite ir além da vida pura e simples, ou seja, do *primum vivere*, prezava a honra. O homem moderno, por seu turno, renunciou essa virtude que implica desafio à morte, atos heroicos. Os laços têm sido estabelecidos, ao contrário, por meio do medo da morte e busca de segurança. Em nossa

atualidade, se pensada comparativamente com a época lacaniana, pode-se pensar que a situação se complexizou. O discurso dominante ordena ter vergonha do desejo e não do gozo, a impudicícia se torna norma e é favorecedora de civilização atormentada por retorno autoritário e artificial do significante mestre.

Ao final de 1969, no entanto, em Vincennes (1992), Lacan já dizia aos que o inquiriam, que o regime mostrava “Vejam como gozam”, exibindo-os nessa posição, em comunidade de gozo, escravos do *voyeurismo* sob a rubrica da liberação. Posição que remete ao fio mortífero do estádio do espelho, à eliminação do outro e até de si mesmo (Laurent, 2004). Vejam como eles gozam para gozarem e trabalham para mais gozar, pois vivemos em época da anulação do olhar causador de vergonha, na sociedade do espetáculo de Guy Debord, com os *reality shows* e mídia em geral fetichizando objetos e promovendo gozo associado às imagens da mercadoria (pornográficas, trágicas...) considerada capaz de agregar algo à personalidade, no jogo segregatório de inclusão e exclusão do outro.

A compreensão do olhar causador de vergonha pode ser acompanhada no desenvolvimento de Miller (2004), com base em formalizações sobre Sartre, em “O ser e o nada”, feitas por Lacan no Seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964/1985). Trata-se de uma operação em dois tempos: estou olhando, sou espectador absorto no espetáculo que me apresenta; algo me orienta que estou sendo olhado, e aí me envergonho. É nesse segundo tempo que o olhar se faz presente, o olhar do Outro que me faz objeto de olhar e também me julga, trazendo a vergonha. Daí Laurent (2004) afirmar que a vergonha é afeto primário na relação com o Outro, que faz parte da série da culpabilidade.

Nesse contexto em que o discurso ordena ter vergonha do desejo, não do gozo, vale lembrar a preocupação de Lacan em *O avesso...* (1969-1970/1992). Em determinado momento, ele afirma que um ponto essencial do sistema deveria ser a produção da vergonha. Anulá-la muda o sentido da vida, instaura o *primum vivere*, a vida sem honra; muda o sentido da morte, que não é pura e simples, mas marcada por um significante que valha a pena e inscreve o ser para a morte, dando-lhe um lugar no mundo.

O paradigmático Japão

Para encerrar esse tema que passou por variados caminhos, sem deixar de marcar a solidão inerente aos homens de fé nessa época, pode ser sensato lançar o olhar sobre o Japão, com a ajuda da psicanalista Anaëlle Lebovits-Quenehen (2013).

Por que Japão e não o Brasil? Porque à primeira vista, como descreve a autora, parece que a modernidade não abalou sua tradição e que o Nome-do-Pai

ali funciona: mulheres bem femininas, elegantes mesmo de quimono, voz aguda; homens que parecem homens, com gosto pelo terno e gravata, voz grave; alunos de ensino médio com tradicionais uniformes. A cortesia e o pudor existentes na hipermoderna Tóquio, segundo Lebovits-Quenehen, se é que algum dia existiu na França, há muito foram esquecidos. Pode-se até pensar, que esquecidos em grande parte do mundo. Há limpeza quase maníaca em espaços públicos, ausência de mendigos e desabrigados por onde se passa.

FIGURA 1



Pela “cidade elétrica”, situada em Tóquio, no entanto, desfilam jovens, em geral homens, *nerds* descuidados, em agrupamentos de solitários jogadores de videogames e caça-níqueis localizados em edifícios de vários andares e salas enormes. Há, ainda, os que nem isso fazem, reclusos em seus quartos com seus aparelhos. Nesse escancaramento do gozo Uno, disseminado pelo país, o governo se preocupa com o crescimento do número de celibatários, entre os quais a maioria nunca namorou ou teve a intenção de fazê-lo. Se assim acontece, por outro lado, há o hábito de ir a cafês onde se pode beber e acariciar felinos, em número proporcional à necessidade de afeto e contato, bem como o hábito de vestirem seus cães, da cabeça aos pés, passeando com eles em carrinhos de nenê.

As máscaras sanitárias, muito utilizadas, segundo Lebovits-Quenehen, parecem estar mais a serviço do afastamento do contato, e menos da proteção da saúde física. Elas deixam, no entanto, o olhar livre em cultura que interdita olhar nos olhos. Hatsumé Miku, cantora virtual com corpo constituído por holograma em 3D, e roupas desenhadas por Marc Jacobs *himself*, teve seus discos em primeiro

lugar no *hit parade* nipônico e três concertos marcados para o teatro Châtelet, em novembro de 2013.

FIGURA 2



662

Na internet há muitos acessos ao que Lebovits-Quenehen escreve sobre a publicação da socióloga Megumi Ushikubo, que popularizou a expressão “shoshoku-danshi”, homens herbívoros, por meio do livro *Os homens herbívoros e afeminados que estão mudando o Japão*. Trata-se da constatação da existência de muitos jovens sem ambição profissional, com falta de competitividade no trabalho, sem apetite sexual e visível falta de interesse em ter encontros e relações sexuais, muito próximos de suas mães e muito atentos à moda e aos cuidados corporais.

Nesse cenário, a primeira mulher robô é preparada por engenheiros do Instituto Público Japonês de Tecnologias Industriais Avançadas, e responde pelo nome HRP-4C.

A sociedade nipônica criou, por sua vez, a expressão *nikushokukei-joshi*, mulheres carnívoras, para se referir às mulheres que buscam parceiro, mulheres que se situam em torno dos trinta anos.

O modo de vida das mulheres, muitas com curso superior e ocupando postos de responsabilidade, faz com que se assemelhem ao que aparece nos mangás conhecidos como *Ladies Comics*: mulheres audaciosas e empreendedoras, algumas vezes autoritárias, torturando ou escravizando seus colegas de sala de aula ou de escritório. Mas são as jovens as responsáveis por escrever e desenhar mangás representando amores homo entre os homens jovens.

Diante disso, Lebovits-Quenehen conta que as autoridades pensam na censura de tais mangás, e que um membro da prefeitura de Miyazaki assim justificou tal atitude: “Se vocês continuarem a nutrir essas representações de mulheres independentes, logo as coisas irão no sentido da homossexualidade, o que tornará o desenvolvimento natural bem mais difícil”.

Ponto para reflexão! Mas, como disse Lacan (1966/1998b, p. 798), uma boa obra que se pretende má não pode permitir-se ser má obra...

Referências

- Alemán, J. (2012). *Soledad: Común, Políticas en Lacan*. Buenos Aires: Capital Intelectual.
- Freud, S. (1976). Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XVII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919).
- Kehl, M.R. (2004). Publicidade, perversões, fobias. Recuperado em 27 maio 2013, de: <www.mariaritakehl.psc.br>.
- Lacan, J. (1958-1959). *O seminário. Livro 6. O desejo e sua interpretação*. (Inédito)
- Lacan, J. (1985). *O seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964).
- Lacan, J. (1988). *O seminário. Livro 7. A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1959-1960).
- Lacan, J. (1992a). *O seminário. Livro 17. O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-1970).
- Lacan, J. (1992b). Analyticon. In *O seminário. Livro 17. O avesso da psicanálise* (pp. 187-197). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-1970).
- Lacan, J. (1995). *O seminário. Livro 4. A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1956-57).
- Lacan, J. (1998a). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In *Escritos* (pp. 807-842). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1966).
- Lacan, J. (1998b). Kant com Sade. In *Escritos* (pp. 776-806). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1966).
- Lacan, J. (2003a). Radiofonia. In *Outros Escritos* (pp. 400-447). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1970).
- Laurent, E. (2004. fev.). La vergüenza y el odio de sí. *Freudiana*. Barcelona, 39, 25-36.
- Lebovits-Quenehen, A. (2013). Japão: de volta para o futuro. *Lacan Cotidiano*, 320 – Português. Recuperado em 17 jun. 2013, de: <EBP-veredas@yahoogrupos.com.br>.
- Miller, J. (1996). La resistible ascensión del gadgets. In *Imaginario y lógica colectiva* (pp. 205-210). Madrid: Eolia Dor, S. L.

Miller, J.-A. (2004, fev.). Notas sobre la vergüenza. *Freudiana*, Barcelona, 39, 7-24.

Soler, C. (2000-2001). *Declinaciones de la angustia*. Barcelona: Publidisia.

Soler, C. (2004-2005). *El síntoma y el analista*. Barcelona: Publidisia.

Resumos

(Consumers and perversion)

This text discusses the present-day discourse on capitalism and its perverse aspects in the light of Sade's aspiration of a republic governed by the imperative and the singularity of jouissance. This system captures consumers, all of whom are proletarians, in the demand for surplus-jouissance. This is related to the fantasy of perversion, the perverse structure, perverse desire and the fetishization of objects that are attained through the cause of desire. We touch on the loneliness of individuals reduced to their bodies surrounded by gadgets and in a world of shamelessness. Lacanian psychoanalysis is the guide and Japan is an example that teaches.

Key words: Capitalism, perverse jouissance, gadgets, shame

664

(Le consommateur et la perversion)

Ce texte considère l'actualité discursive du capitalisme et ses biais pervers, tout en rappelant l'aspiration sadienne à une république régie par l'impératif et la singularité de la jouissance, où s'enchevêtrent les consommateurs, tous prolétaires et dans l'exigence du plus-de-jouir. Il parcourt le fantasme pervers, le désir pervers et la fétichisation d'un objet hissé à la condition de cause de désir; au-delà de la structure perverse. On arrive à la solitude des individus réduits à leurs corps sous l'emprise des gadgets et au monde du manque de honte. La psychanalyse Lacanienne sert de repère et le Japon est l'exemple qui nous enseigne.

Mots clés: Capitalisme, jouissance perverse, gadgets, honte

(El consumidor y la perversión)

El texto considera la actualidad del discurso del capitalismo y sus sesgos perversos, recordando la aspiración sadeana de república regida por el imperativo y la singularidad del goce, en donde se imbrican los consumidores, todos proletarios y en la exigencia del plus de gozar. El texto atraviesa la fantasía perversa, el deseo perverso y la fetichización de un objeto elevado a la condición de causa del deseo, más allá de la estructura perversa. Llega a la soledad de los individuos reducidos a sus cuerpos con el predominio de gadgets y el mundo de la desvergüenza. El psicoanálisis lacaniano es la guía y Japón el ejemplo que enseña.

Palabras clave: Capitalismo, goce perverso, gadgets, vergüenza

ARTIGOS

(Der Verbraucher und die Perversion)

In diesem Beitrag werden die Aktualität des kapitalistischen Diskurses und seine perversen Verzerrungen behandelt. Dabei wird auch an den sadistischen Wunsch nach einer Republik erinnert, in der das gebieterische Regieren und die Eigenart des Genusses vorherrschen; in der die Verbraucher, alle Proletarier, sich verkeilen und immer mehr Genuss fordern. Dies durchzieht die perverse Phantasie, den perversen Wunsch und die Fetischisierung eines zum Gegenstand des Begehrens erhobenes Objekt, über die perverse Struktur hinaus. Es erreicht die Einsamkeit der Individuen, die auf ihre Körper reduziert sind, mit Vorherrschaft der Gadgets, und die Welt der Schamlosigkeit. Die lacansche Psychoanalyse ist richtungsweisend und Japan ist ein Beispiel, das belehrt.

Schlüsselwörter: Kapitalismus, perverser Genuss, Gadgets, Scham

Citação/Citation: Ferrari, I. F. (2014, setembro). O consumidor e a perversão. *Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental*, 17(3-Suppl.), 652-665.

Editor do artigo/Editor: Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck

Recebido/Received: 15.3.2014/ 3.15.2014 **Aceito/Accepted:** 15.4.2014 / 4.15.2014

Copyright: © 2009 Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental/ University Association for Research in Fundamental Psychopathology. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original author and source are credited.

Financiamento/Funding: A autora declara não ter sido financiada ou apoiada / The author have no support or funding to report.

Conflito de interesses/Conflict of interest: A autora declara que não há conflito de interesses / The author has no conflict of interest to declare.

ILKA FRANCO FERRARI

Doutora pela Universidade de Barcelona (Barcelona, Espanha); Professora na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC-Minas (Belo Horizonte, MG, Br).

Rua Prof. José Renault, 526 – São Bento, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

30350-760 Belo Horizonte, MG, Br.

e-mail: francoferrari@terra.com.br